

## CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS EM TEXTOS LITERÁRIO E PROPAGANDA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE FERNÃO CAPELO GAVOITA E RED BULL TE DÁ ASAS

Nádia Vieira Simão<sup>1</sup>  
Rosângela do Nascimento Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo busca analisar a conceptualização metafórica da vida como liberdade através da conceptualização de 'voo' no livro *Fernão Capelo Gaivota* de Richard Bach e de 'asas' no slogan das campanhas publicitárias da *Red Bull*. Ancorados nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, buscamos em Lakoff e Johnson (1980) as conceptualizações relevantes sobre metáforas, objetivando analisar os dados. A partir de nossas inquietações sobre a conceptualização de voo no livro de Richard Bach e de 'asas' no slogan da *Red Bull*, surgiram as seguintes questões: Como a metáfora da vida como liberdade é conceptualizada no livro a partir da palavra "voo"? E como a metáfora do 'voo' é construída no slogan da *Red Bull*? Que efeitos polissêmicos podem-se perceber nas conceptualizações de voo, tratadas por Richard Bach, no livro *Fernão Capelo Gaivota* e no slogan da *Red Bull*? Entendemos que voo sugere algo para cima, conceitos abordados por Lakoff e Johnson (1980). Logo, foi necessário fazer um percurso da Linguística Cognitiva, para posteriormente, teorizarmos sobre as conceptualizações sobre metáfora. Desse modo, utilizamos como principais aportes teóricos Lakoff e Johnson (1980), Croft e Cruse (2004), Abreu (2013), Cançado (2002), Cuenca e Hilferty (2007) e Ferrari (2011). A pesquisa é qualitativa, com análise interpretativista, pautada no aporte teórico citado. Após as análises pudemos perceber como a metáfora de liberdade como voo se constrói ao longo do livro e como ela se relaciona de forma direta com a metáfora de 'asas' no slogan. Tem-se voar como sinônimo de viver em liberdade, assim, é pelo caminho que se pode construir um "voo" melhor, com mais técnicas, ou não. Essas construções metafóricas com base na ação de voar são possíveis, pois as metáforas se constroem em primeiro lugar no cotidiano.

**Palavras-chave:** Conceptualização metafórica. Linguística Cognitiva. Metáfora de voo.

## CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS EM TEXTOS LITERÁRIO E PROPAGANDA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE FERNÃO CAPELO GAVOITA E RED BULL TE DÁ ASAS

**ABSTRACT:** This study seeks to analyze the metaphorical conceptualization of life as freedom through the conceptualization of 'flight' in the book *Fernão Capelo Gaivota* by Richard Bach and 'wings' in the slogan of *Red Bull* advertising campaigns. Anchored in the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics, we sought in Lakoff and Johnson (1980) the relevant conceptualizations about metaphors, aiming to analyze the data. From our concerns about the conceptualization of flight in Richard Bach's book and 'wings' in the *Red Bull* slogan, the following questions arose: How is the metaphor of life as freedom conceptualized in the book from the word 'flight'? And how is the 'flight' metaphor built into the *Red Bull* slogan? What polysemic effects can be noticed in the flight conceptualizations, dealt with by Richard Bach, in the book *Fernão Capelo Gaivota* and in the *Red Bull* slogan? We understand that flight suggests something upwards, concepts addressed by Lakoff and Johnson (1980). Therefore, it was necessary to make a path of Cognitive Linguistics, to later, theorize about the conceptualizations about metaphor. Thus, we use as main theoretical contributions Lakoff and Johnson (1980), Croft and Cruse

<sup>1</sup> Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Email: <nadiavieira44@gmail.com>.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual de Goiás, graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás, Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Email: <rosangelancosta@hotmail.com>.

(2004), Abreu (2013), Cançado (2002), Cuenca and Hilferty (2007) and Ferrari (2011). The research is qualitative, with interpretative analysis, based on the theoretical framework cited. After the analysis we could see how the metaphor of freedom as flight builds throughout the book and how it relates directly to the metaphor of 'wings' in the slogan. You have to fly as a synonym for living in freedom, so it is by the way that you can build a better "flight", with more techniques or not. These metaphorical constructions based on the action of flying are possible, because metaphors are built primarily in everyday life.

**Keywords:** Metaphorical conceptualization. Cognitive Linguistics. Flight metaphor.

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo principal analisar as conceptualizações nas metáforas existentes no livro *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach, e no slogan das campanhas publicitárias da *Red Bull*. Assim, a partir de tais conceptualizações, investigamos questões voltadas para as metáforas da vida, que são abordadas no livro e no slogan. Buscamos nos ancorar nos conceitos de Lakoff e Johnson (1980), haja vista que tais autores tratam da cotidianidade das metáforas na vida das pessoas.

O levantamento bibliográfico é importante, pois a partir dele podemos conhecer as diferentes formas de contribuição científica sobre determinado assunto ou fenômeno (OLIVEIRA, 1997). Nesse sentido, os estudiosos da Linguística Cognitiva, como já citados, foram de grande relevância para as discussões propostas nesse estudo.

A partir da leitura do livro *Fernão Capelo Gaivota* de Richard Bach, busca-se responder à seguinte questão: Como a metáfora da vida como liberdade é conceptualizada no livro a partir da palavra “voo”? E como a metáfora do ‘voo’ é construída no slogan da *Red Bull*? Que efeitos polissêmicos podem-se perceber nas conceptualizações de voo, tratadas por Richard Bach, no livro *Fernão Capelo Gaivota* e no slogan da *Red Bull*? A partir de tais questões, em uma visão sociocognitivista, fundamentados nas noções de metáforas espaciais, em Lakoff e Johnson (1980), dessa maneira, a análise se pautará nesses autores, além de outros, que fazem parte da Linguística Cognitiva.

A seleção do *corpus* se deu a partir de uma leitura do livro, com foco sobre os trechos que tratavam sobre voo. Desse modo, os trechos que tratavam de voo com sentido de vida e liberdade foram selecionados para análise. O slogan foi escolhido por carregar uma metáfora que se relaciona de forma direta com a metáfora do ‘voo’ no livro. De posse desse material partimos para análise, tendo como suporte o referencial teórico abordado ao longo do artigo.

Chizzotti (2014) pondera que a busca metódica por explicações das causas porque determinados fatos ocorrem, por meio de observações atentas, pode ser definida como ciência. Assim, a partir da leitura do livro *Fernão Capelo Gaivota* e da observação das campanhas da *Red Bull*, percebemos alguns pontos relacionados à metáfora da vida e liberdade como voo, os quais nos causaram inquietações, que conectavam livro e propaganda. Então, optamos por investigar melhor tais fatos e fazer uma análise mais detalhada, do ponto de vista das conceptualizações de metáfora propostas por Lakoff e Johnson (1980).

Nesse sentido, levamos em consideração a quebra de ruptura com os paradigmas tradicionais, sobre o conceito de metáfora, a partir da publicação, em 1980 da obra *Metaphors we live by*, traduzido para o português, como *Metáforas da vida cotidiana*. Tal obra é considerada um divisor de águas nos estudos relacionados às conceptualizações metafóricas, pois a partir dos conceitos de Lakoff e Johnson (1980), é que se começa a compreender que as metáforas estão presentes na vida das pessoas, muito mais do que se imaginava, saindo assim do lugar comum da literatura.

Assim, buscou-se conceituar a Linguística Cognitiva (doravante LCog), situar tal ciência no panorama das ciências da linguagem, além de abordar o conceito de metáfora. Desse modo, a pesquisa tem como aportes teóricos Lakoff e Johnson (1980), Croft e Cruse (2004), Abreu (2013), Caçado (2002), Cuenca e Hilferty (2007), Ferrari (2011), dentre outros que abordam a temática em questão.

A pesquisa é qualitativa, pois a análise dos dados foi realizada preocupando-se muito mais com o processo do que como o produto, haja vista que nosso interesse foi estudar as ocorrências das metáforas no livro (*corpus* da pesquisa), além de perceber o contexto de produção (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Inicialmente fizemos um breve percurso histórico sobre a Linguística Cognitiva, logo após elencamos os autores que abordam a questão da conceptualização de metáfora, de modo que também perpassamos pelos seus momentos históricos. Por fim as análises foram realizadas à luz das teorias abordadas na pesquisa.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

A pesquisa em questão busca analisar as conceptualizações metafóricas de ‘voo’ presentes no livro *Fernão Capelo Gaivota* de Richard Bach e de ‘asas’ no slogan das campanhas publicitárias da *Red Bull*. As análises serão realizadas do ponto de vista da LCog e dos conceitos de metáfora, propostos por Lakoff e Johnson (1999), nesse sentido, é importante traçar o

percurso dessa ciência de modo que possamos compreender melhor sobre o seu surgimento e como se processam as conceptualizações metafóricas na mente.

Para Croft e Cruse

a língua, sem dúvida, é uma distinta habilidade cognitiva humana. Numa perspectiva cognitiva, a linguagem é a percepção e produção em tempo real de uma sequência temporal de unidades simbólicas discretas e estruturadas. Esta configuração particular de habilidades cognitivas é provavelmente única para a linguagem, mas as habilidades cognitivas necessárias não são (Tradução nossa) (CROFT; CRUSE, 2004, p. 02).

A capacidade de produzir estruturas simbólicas, como a linguagem, é exclusiva ao homem, como se pode notar nas palavras de Croft e Cruse (2004). Desse modo, a contextualização da LCog faz-se necessária, pois a partir daí poderemos compreender como a linguagem é vista, do ponto de vista dessa ciência e, assim, analisar as construções metafóricas em textos, mais especificamente, no livro *Fernão Capelo Gaivota* de Richard Bach e de ‘asas’ no slogan das campanhas publicitárias da *Red Bull*, nos quais buscamos analisar as conceptualizações de vida e liberdade, nas metáforas existentes nos textos que fazem parte do *corpus* de análise.

De acordo com Abreu (2013, p. 238) “contrariamente à tradição cartesiana, a moderna neurociência nega haver uma dicotomia corpo/mente”. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva compreende que corpo e mente se unem para a construção de sentidos, haja vista que nossas construções (na linguagem) são frutos de experiências corporificadas.

Em se tratando de textos narrativos é importante ressaltar que quando lemos tais textos construímos esquemas de imagens em nossa mente. Para Lakoff e Johnson (1999) apud Abreu (2013), tais esquemas são padrões estruturais, comuns e que se repetem em nossa experiência sensorio-motora, servindo para organizar conceitos mais complexos. Desse modo, as metáforas, presentes nos textos narrativos, são conceptualizações formadas pelas nossas experiências, sendo muito relevante pesquisar tais construções em narrativas, pois dessa maneira, podemos compreender muitos eventos da linguagem em textos.

O final do século XIX e início do século XX foram marcados pela publicação do livro *O Curso de Linguística Geral (1916)*, de Ferdinand de Saussure, momento em que a Linguística se fixa como ciência. Apesar de ter revolucionado os estudos sobre a linguagem, o estudioso deixou algumas lacunas no que tange aos sentidos e sua conceptualização na mente humana.

O estruturalismo de Saussure, para Faraco (2002) foi, na realidade, um marco da Linguística e todos os estudos anteriores a essa corrente funcionaram como um “processo preparador” das novas concepções propostas por Saussure. Ressalta-se aqui a tradição hindu,

perpassando pelas escolas grega e romana, além da Idade Média e Renascimento. A partir desse processo, teve-se a teoria revolucionária de Saussure, com o lançamento do seu *Curso de Linguística Geral* em 1916, marco importante para a ciência da linguagem.

Ao discorrer sobre o estruturalismo em linguística, Benveniste (2006) destaca que na metáfora do jogo de xadrez (proposta por Saussure), entende-se que no primeiro plano têm-se as peças e logo a seguir as relações entre elas. Nesse sentido, pode-se dizer que a língua é um elemento do jogo e que suas formas se relacionam, claro que dentro das possibilidades que lhe são permitidas, haja vista que para Saussure o importante era a estrutura e suas relações.

Logo após os estudos estruturalistas, percebe-se uma nova corrente: a Gerativista, encabeçada pelo estudioso Noam Chomsky. O autor, com a proposta da Gramática Gerativa busca quebrar os paradigmas do estruturalismo proposto por Saussure (FERRARI, 2011). Nesse sentido, percebe-se que a teoria chomskyana defende a ideia que a faculdade da linguagem está situada na mente, lugar de cognição, e traz também a ideia da geração de sentenças, tendo sua gramática denominada Gerativa.

Chomsky (1957) *apud* Parreira (2017) deu atenção às sentenças que os falantes conheciam por intuição (Gramática Universal), compreendendo que qualquer falante, que não seja acometido por nenhuma patologia, é capaz de produzir sentenças organizadas, além de saber distinguir sentenças gramaticais de agramaticais. Isso significa que o falante organiza a língua, mesmo sem o conhecimento de sua estrutura gramatical, reportamo-nos aqui a Saussure. Nesse sentido, Chomsky muito contribuiu para a evolução da ciência linguística, mas ainda não levava em consideração o cognitivo, como modo de produzir sentidos em uma língua.

Assim, apesar de Chomsky (1957) defender a ideia das sentenças produzidas na mente (o que poderia nos remeter ao cognitivismo), ele não considerava aspectos culturais e sociais, sendo apenas cognitivo interno. Nota-se que a Linguística Cognitiva vai além da construção de sentenças infinitas, proposta pelo estudioso, pois não usa apenas de uma parte do cérebro para atribuir os significados, como veremos mais adiante.

Desse modo, apesar de já circular no meio acadêmico o nome de Linguística Cognitiva, desde 1960, o termo só se estabeleceu de fato a partir de 1980, momento que teve seu reconhecimento pela comunidade acadêmica (FERRARI, 2011). O marco da LCog foi a publicação de dois livros fundamentais para tal paradigma, a saber: *Women, Fire and Dangerous Things*. Nesse sentido, Cuenca e Hilferty (2007) explicitam que Lakoff expõe conceitos fundamentais nos livros citados, trazendo à luz ideias de experencialismo, teoria de protótipos e de nível básico, modelos cognitivos idealizados e categorias radiais. Ademais, tem-

se o lançamento do livro *Fundamentos da Gramática Cognitiva: Pré-requisitos Teóricos*, obra em que Ronald Langacker procura apresentar a gramática cognitiva e explicar a concepção cognitiva de gramática.

De acordo com Cuenca e Hilferty (2007), o termo “cognitivo” ainda não é muito preciso, levando em consideração que os primeiros linguistas que usaram tal termo foram os gerativistas, como já mencionado. Os gerativistas traziam um novo conceito sobre a constituição da linguagem, opondo-se aos comportamentalistas e ao estruturalismo de Saussure. No entanto, necessário se faz reportar aos cognitivistas da Psicologia, cujos representantes são Jean Piaget e Jerome Bruner, dentre outros, que compartilham com a Linguística Cognitiva teorias sobre aquisição a faculdade da linguagem (CUENCA E HILFERTY, 2007).

Lenz (2013, p.31) postula que:

As visões tradicionais mantêm que a linguagem (assim como o pensamento) é inerentemente literal: conseguimos nos comunicar e entender uns aos outros porque usamos no nosso dia a dia uma linguagem literal, em consequência dessa tradição, enraizada nos nossos conceitos, aceitamos como verdades incontestáveis [...] A ideia de que a metáfora deve ser evitada, por exemplo, advém da crença de que a linguagem é independente da cognição e de que a linguagem figurativa é apenas um embelezamento da linguagem literal, com pouco valor cognitivo (LENZ, 2013, p.31).

Nesse sentido, os estudos tradicionais da linguagem tratam do seu uso no sentido literal, não leva em consideração a mente e como tais sentidos são construídos, nem tampouco os conhecimentos enciclopédicos do falante. Ainda conforme a autora citada esses estudiosos tradicionalistas só veem a metáfora como forma de embelezamento da língua, devendo assim, ser evitada nos processos comunicativos do dia a dia.

A LCog, de acordo com Cuenca e Hilferty (2007) “nasce na Califórnia, que seus “pais” são George Lakoff (Berkeley), um dos principais representantes da extinta semântica gerativa, e Ronald Langacker (San Diego), também ligados ao gerativismo no passado, e que o ano desse nascimento é 1987 (Tradução nossa).

Para Croft e Cruse (2004, p. 19) “há três grandes hipóteses que orientam a abordagem cognitiva da língua: a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma, gramática é conceituação e o conhecimento da linguagem emerge do uso da linguagem [tradução nossa]”. Nesse sentido, ao usar a linguagem, o homem aciona elementos da cognição que farão com que determinados enunciados adquiram um sentido e não outro, pode-se dizer que temos “frames” acionados quando conceptualizamos determinados objetos ou quando damos sentidos aos nossos dizeres.

Dessa maneira, quando lemos, buscamos atribuir sentidos a partir de mecanismos acionados em nossa mente. Sobre esse Petruck, (1996) e Fillmore, (1985) *apud* Barreto (2013)

postulam que a noção de *frame*, que a Semântica de Frames adota, chega até a Gramática de Casos, elaborada por Fillmore (1968) e define-se como instrumento de estruturação cognitivo, cujas partes estão fixadas em palavras nas quais os sentidos se associam, de forma que são usadas a serviço do entendimento.

Assim, “a partir da Semântica de Frames, as definições das distinções de papéis passam a ser dadas em relação ao *frame*, uma vez que ele passa a ocupar a posição primordial no uso da linguagem, representando a continuidade entre linguagem e experiência” (BARRETO, 2013, p. 02).

## METÁFORAS CONCEPTUAIS: UM ESTUDO COGNITIVISTA

Antes de falarmos de metáfora conceptual, é necessário fazer uma breve contextualização, passando da metáfora retórica, pela metáfora semântica e assim, chegando à metáfora conceptual. Essa contextualização se faz necessária tendo em vista que a visão retórica de metáfora ainda se faz presente na sociedade sendo utilizada em muitas escolas e instituições de ensino como absoluta. Assim como a metáfora semântica estabelece as bases para o desenvolvimento da metáfora conceptual.

A retórica considera a metáfora apenas como uma figura de linguagem do texto poético (D’ONOFRIO, 1980). Nesse sentido, a metáfora é vista como uma anomalia na linguagem e o seu uso é motivado por uma vontade de se criar efeitos de sentido. Essa abordagem de conceber a metáfora é conhecida como clássica e remota aos textos de Aristóteles (CANÇADO, 2015).

Aristóteles (2001, p.78) define a metáfora como “a aplicação de um nome que pertence a uma outra coisa, quer por transferência do gênero à espécie, da espécie ao gênero, da espécie a espécie, quer por analogia” (ARISTÓTELES, 2001, p. 78).

Assim, nessa concepção

a metáfora tem, como ponto de partida, a linguagem literal, que é detectada pelo ouvinte como sendo anômala. Como o ouvinte espera que o falante tenha a intenção de transmitir algum tipo de significado, o primeiro recorre a certas estratégias de interpretação, transformando a sentença anômala em algum tipo de sentença com significado (CANÇADO, 2015, p. 112).

Com base nessa abordagem, as metáforas estariam apenas no texto poético e na retórica, sendo utilizadas exclusivamente pelos poetas e retóricos criando efeitos de sentidos em seus textos e poemas. As metáforas teriam um uso exclusivamente retórico e a linguagem

assumiria dessa forma dois papéis, o de linguagem literal e o de linguagem figurada (D'ONOFRIO, 1980).

De acordo com Cançado (2015) uma segunda forma de conceber as metáforas surge no romantismo e ficou conhecida como a abordagem romântica. Ela se opõe à abordagem clássica ao dizer que toda a linguagem é metafórica não havendo uma distinção entre linguagem literal e linguagem figurada.

É nessa segunda concepção que a semântica e a Linguística Cognitiva se baseiam, embora assumindo uma visão menos radical em que aceitam que nem toda linguagem é metafórica, embora defendam que elas façam parte da vida cotidiana influenciando na forma de pensar e falar sobre o mundo (LAKOFF e TURNER, 1989).

Do ponto de vista apenas semântico, a metáfora consiste em um desvio da significação originária de uma palavra. Esse desvio ocorre a partir de uma comparação mental ou alguma característica comum entre dois ou mais seres e/ou fatos (CEGALLA, 2000). Ilari (2010) aponta que a metáfora se constitui como um poderoso processo que gera novos conhecimentos e novos comportamentos, além do prazer estético. Isso se torna possível, pois a metáfora se constitui como um processo em que a realidade é pensada em termos de outra, gerando novas descobertas.

De acordo com Bechara (2015), nem sempre uma palavra carrega seu significado originário. O significado extrapola a sua esfera e assume novos valores. Assim, para ele, a metáfora se trata de uma “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades<sup>3</sup>, em que os termos pertencem às classes diferentes, mas pela combinação se percebem também como assimilados” (BECHARA, 2015, p. 413).

Entrando na esfera da Linguística Cognitiva, assume-se que as construções metafóricas são construídas não apenas no “nível existente entre o mundo e as palavras, mas também no nível das representações mentais” (CANÇADO, 2015, p. 105), em que “o sentido de algumas palavras não é visual, mas, sim, um elemento mais abstrato, um conceito” (CANÇADO, 2015, p. 106).

---

<sup>3</sup> Solidariedades: Para Bechara (2015) esse termo designa a “relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação” (p. 405).

Assim, para entender do que se trata a metáfora conceitual na Linguística Cognitiva, antes é necessário entender como essa ciência concebe o termo ‘conceito’ que está diretamente ligado à teoria dos protótipos<sup>4</sup>. Teoria esta que

concebe os conceitos como estruturados de forma gradual, havendo um membro típico ou central das categorias e outros menos típicos ou mais periféricos. Por exemplo, na categoria AVE, teremos alguns membros mais centrais ou típicos, como periquitos e papagaios, que têm a maioria das propriedades associadas a aves; e outros mais periféricos, como pinguins, que possuem um número bem mais reduzido das propriedades que geralmente são associadas a aves [...] Alguns pesquisadores assumem que o elemento central de uma categoria, o protótipo dessa categoria, é uma abstração. Essa abstração deve consistir em um grupo de traços característicos com o qual comparamos os elementos reais. Por exemplo, os traços característicos da categoria AVE descrevem um tipo normal de pássaro, pequeno, com asas, bico e penas, que voa etc.; mas não se refere a nenhuma espécie em particular. Já outros pesquisadores assumem a teoria de que organizamos nossas categorias por exemplares de elementos típicos do mundo e que, depois, classificamos outros elementos a partir da comparação com aqueles exemplares já fixados na nossa memória. Por exemplo, temos na nossa memória as imagens de aves típicas, como aves e papagaios; quando encontramos no mundo algum elemento com algumas características desses protótipos, comparamos esse elemento com a imagem fixada em nossa memória dessas aves reais e, então, classificamo-lo como ave (CANÇADO, 2015, P. 108-109, destaques do autor).

Essa teoria dos protótipos passou por uma reformulação com Kleiber (1995) que a amplia. Nessa reformulação, o conceito de protótipos adquire caráter cultural, ou seja, os aspectos socioculturais passam a ser considerados na construção dos conceitos (ARAÚJO, 2017). Assim, em conformidade com Lakoff (1987) e com essa segunda abordagem da teoria dos protótipos, o conceito na Linguística Cognitiva é construído a partir das experiências físicas e culturais as quais o indivíduo possui.

A metáfora conceitual, como o próprio nome indica, está diretamente ligada a essa segunda fase da teoria dos protótipos. Dessa forma, esse tipo de metáfora trata-se de um fenômeno cognitivo em que uma área semântica ou domínio é representado conceitualmente em termos de outro.

O novo paradigma proposto por Lakoff e Johnson apresenta a metáfora como sendo um fenômeno central na linguagem e no pensamento, estando presente em todos os tipos de linguagem, inclusive na linguagem científica [...]. Para eles, nós compreendemos o mundo, a cultura e a nós mesmos por meio de metáforas, pois além de conceitos emocionais, como amor ou raiva, conceitos básicos, como tempo, quantidade, etc, são compreendidos metaforicamente. A tese central dessa teoria é a de que as metáforas existem em nossa mente, sendo os conceitos abstratos, em sua maioria, metafóricos. (SOUZA, 2010, P. 21).

Dessa forma, “as metáforas são consideradas estruturas conceituais que fazem parte da nossa linguagem ordinária” (CANÇADO, 2015, p. 113). Ou seja, a metáfora está na vida

---

<sup>4</sup> A teoria dos protótipos foi proposta por Rosch (1973, 1075).

cotidiana através o pensamento e da ação e não apenas da linguagem, pois o sistema conceitual de uma pessoa, no que toca a forma de pensar e agir, tem natureza fundamentalmente metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Lakoff e Turner (1989) postulam que o processo metafórico é possível, pois as metáforas possibilitam que um domínio de experiência seja entendido através de outros domínios e para que isso seja possível é necessário que existam conceitos básicos, pertencentes ao domínio fonte que possam sustentar o domínio alvo, os quais resultam em conceitos metafóricos. O domínio, conforme Sardinha (2007), está ligado ao conhecimento e a experiência das pessoas, em que o domínio fonte é o ponto de partida do qual conceituamos algo metaforicamente, ou seja, o domínio concreto; e o domínio alvo é o ponto de chegada, aquele que desejamos conceitualizar.

Cuenca e Hilfert (1999) apresentam a capacidade que as metáforas possuem de conceber novas concepções e soluções criativas para problemas complexos. Assim sendo, os autores também apontam a capacidade que as metáforas têm de reforçar certas facetas de uma conceptualização enquanto oculta outras.

O fenômeno da polissemia está diretamente ligado ao fenômeno da metáfora. A polissemia gerada por um termo, geralmente, originou-se a partir de uma metáfora ou expressão metafórica<sup>5</sup> criada a partir do significado etimológico do termo em questão. Quando o significado metafórico se estabelece com o uso e passa a conviver com o significado originário temos a polissemia que como nos lembra Cançado (2015, p.120) “ocorre quando os possíveis sentidos de uma palavra ambígua têm alguma relação entre si”.

Resumindo, as metáforas conceptuais são aquelas que formulam conceitos e são estruturadas no pensamento humano e dessa forma se constituem como um importante processo para se entender a compreensão humana, ultrapassando a simples função de ornamento do discurso (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

As metáforas conceptuais são agrupadas em três tipos básicos: metáforas estruturais, metáforas orientacionais e metáforas ontológicas. As metáforas estruturais são aquelas em que as estruturas do domínio fonte são complexas permitindo estruturar o domínio alvo e compreendê-lo, “são produtos de mapeamentos complexos” (SOUZA, 2010, p. 22).

Exemplo: TEMPO É DINHEIRO.

Não *percas* mais tempo com este assunto.

Não *posso investir* mais tempo nesse projeto (SOUZA, 2010, p. 22).

---

<sup>5</sup> Expressão metafórica, de acordo com Sardinha (2007), refere-se a uma expressão linguística que contém uma metáfora.

As metáforas orientacionais “são aquelas que dão a um conceito uma orientação espacial” (SOUZA, 2010, p. 22), como cima-baixo, centro-periferia, etc.

Exemplo: O BEM ESTÁ À FRENTE.  
Ele está à frente dos negócios.  
Há que seguir em frente (SOUZA, 2010, p. 22).

Já as metáforas ontológicas não possuem estruturas complexas em seus domínios fonte, “são aquelas que tornam concretos conceitos abstratos, porém sem estabelecer mapeamentos. Essa concretização se manifesta em termos de uma entidade (algo contável)” (SOUZA, 2010, p. 22).

Exemplo: O TEMPO É UM CONTENTOR.  
Estou de volta dentro de três dias.  
Terminou o trabalho num curto espaço de tempo (SOUZA, 2010, p. 22).

## A METÁFORA DO VOO: DA VIDA COTIDIANA À LITERATURA E DA LITERATURA À VIDA COTIDIANA

O livro Fernão Capelo Gaivota retrata a vida de uma Gaivota que quer algo a mais da vida além viver pela sobrevivência, ela que aprender a voar. O livro em si, já se constitui como uma grande metáfora. A metáfora da vida humana retratada por meio de uma grande parábola em forma de romance em que as gaivotas representam as pessoas da nossa sociedade, as suas relações e interações entre bando representam as relações e interações humanas, a busca pela sobrevivência, pelos sonhos e pela liberdade representam os objetivos da vida humana, e Fernão, a gaivota protagonista, ao romper barreiras e quebrar as normas do seu bando em busca do tão almejado “voo” representa aquelas pessoas que rompem as barreiras autoimpostas por elas mesmas e pela sociedade na busca pelo real sentido da vida, da liberdade e do autoconhecimento.

Importante lembrar que, segundo Dering (2012, p. 22) “A literatura, bem como outros tipos de artes, são termômetros culturais e sociais, desde as classes mais baixas até cúpula da sociedade.”. Desse modo, as metáforas da vida humana, a seu modo, dialogam com as representações que encontramos na arte literária, uma vez que “o sujeito inserido socialmente e historicamente produz uma cultura que o representa, e essa representação se dará, em sua grande parte – se não exclusivamente em alguns casos – pelas artes” (DERING, 2012, p. 22).

Dito isso, importante destacar que Fernão simboliza essa quebra de paradigmas supracitada ao correr atrás do seu grande sonho que é aprender a voar a grandes velocidades e

alturas por puro prazer e não apenas para sobrevivência como é feito há muito tempo pelo seu bando que utiliza o voo apenas para conseguir comida. O bando de Fernão conhece apenas essa realidade, mas ao contrário do protagonista estão acomodados com a forma que eles vivem de seguir o padrão sem nem ao menos questionar. Fernão é o elemento opositor que quebra essa realidade, questiona, não se cala, não se acomoda e vai em busca do algo mais, pois acredita que a vida tenha algo a mais para oferecer do que apenas sobreviver, e por isso ele é rotulado como rebelde e transgressor sendo expulso do bando, assim como as pessoas que buscam algo a mais e não têm medo de ir atrás dos seus sonhos são colocadas à margem da sociedade. Nesse sentido, o livro se constrói como uma grande metáfora pela busca da liberdade representada pela metáfora do voo.

Fernão, ao alçar voo, mais do que aprender técnicas de voar, aprende a como se libertar. Dessa forma, a metáfora de que liberdade é voar se constrói. Contudo, antes de entendermos como essa metáfora se constrói, retomemos o significado originário de voo que segundo o Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis é a

- 1 Ação ou efeito de voar.
- 2 Deslocamento, vertical ou horizontal, de animal, inseto ou aeronave na atmosfera, sem que haja contato com o solo.
- 3 Maneira particular de se deslocar no ar.
- 4 Percurso feito por ave ou por aeronave sem que haja interrupção.
- 5 O trajeto de uma viagem aérea, do seu ponto de partida até o destino final, com ou sem escala.
- 6 FIG Qualquer movimento ou deslocamento bastante rápido ou leve pelo espaço atmosférico.
- 7 FIG Qualquer deslocamento ou marcha extremamente rápido.
- 8 FIG Impulso para o alto; elevação do pensamento ou do talento; arroubo, êxtase. (VOO, 2019).

Precisamos entender que o termo ‘voo’ possui como significado etimológico a ação de voar, de deslocamento no ar, em que se parte de um ponto até o outro dando a ideia de trajetória. Com o tempo essa palavra passou a conceptualizar abstrações como a elevação de pensamento e o êxtase. Esse processo ocorre através da metáfora ontológica que, relembrando Souza (2010), torna concretos conceitos abstratos. Elevação de pensamento e êxtase trata-se de conceitos abstratos que a através da experiência humana foi concretizado e conceptualizado a partir da ação concreta de voar. Essa nova acepção tornou-se possível a partir das experiências culturais de vivenciar uma determinada realidade. No caso, o próprio termo ‘elevação’, indica uma metáfora orientacional espacial no sentido de subir. A partir dessa metáfora orientacional presente na expressão ‘elevação de pensamento’, que também se aplica a êxtase, torna-se possível o surgimento da metáfora ontológica entre elevação de pensamento e voo. Este possui

como característica a ação de elevar assim como foi atribuído a pensamento, constituindo-se a metáfora. Afinal, como teorizam Croft e Cruse (2004, p. 193), a “Metáfora envolve a interação entre dois domínios construídos a partir de duas regiões de significado, e o conteúdo do domínio-fonte consiste em um ingrediente do alvo, construído por meio de processos de correspondência e mesclagem”. Vejamos como essa correspondência ocorre na tabela<sup>6</sup> abaixo:

Metáfora conceptual: PENSAMENTO É VOAR	
Domínio fonte: voar	Domínio alvo: pensamento
Domínio concreto	Domínio abstrato
É aquele a partir do qual conceptualiza-se algo metaforicamente	É aquele que se deseja conceptualizar
Ato de ir para cima: qualidade a ser transferida	Ato de ir para cima: qualidade a ser recebida
Então: se voar é ir para cima	Então: se pensar é ir para cima
Logo: PENSAR É VOAR	

Vale ressaltar que essa elevação de pensamento diz respeito aos pensamentos positivos que são conceptualizados a partir da metáfora espacial subir e elevar-se, diferentemente de pensamentos negativos que são conceptualizados a partir da metáfora espacial para baixo.

Dessa forma, com o uso recorrente de ‘voo’ nesse novo sentido metafórico de elevação de pensamento, o termo passa a designar um novo significado que convive paralelamente com seu significado etimológico. O uso desse termo, nessa segunda acepção, tornou-se tão corrente que a metáfora se convencionalizou, tornando-se parte da vida cotidiana, gerando a polissemia. Com o surgimento desse segundo significado que se estabelece, por vezes, esquecemos que a polissemia originou-se a partir da metáfora, o que mostra que “as metáforas conceptuais são, ainda, convencionais, ou seja, inconscientes, pois estão tão impregnadas em nossa cultura, que não nos damos conta do uso que fazemos delas” (SOUZA, 2010, p. 23).

Essa mesma relação metafórica ocorrida entre ‘voo’ e ‘elevação de pensamento’ também se aplica entre ‘voo’ e ‘liberdade’ no livro Fernão Capelo Gaivota que é construída a partir do jogo polissêmico entre os dois significados de ‘voo’ (o originário e o convencionalizado posteriormente). Vejamos alguns trechos retirados do livro em que podemos perceber essas relações:

<sup>6</sup> O modelo das tabelas que seguem foram adaptados de Kövecses (2002, p.116) apud Souza (2010, p.23).

Trecho 1: A maioria das gaivotas não se dá ao trabalho de aprender mais do que os **rudimentos do voo**: como ir da costa até a comida e voltar. **Para a maioria das gaivotas, o que interessa não é voar, mas sim comer.** Para esta gaivota, porém, **não era a comida que interessava, mas sim o voo.**

Nesse primeiro trecho, podemos perceber a utilização do termo voo em sua acepção original, o de ação de voar. No caso, as gaivotas voam em busca de comida e o voo serve para isso e nada mais. Tanto as gaivotas interessam em aprender apenas os rudimentos básicos dessa técnica que sejam suficientes para lhes garantir a sobrevivência. Diferente para Fernão que queria aprender tudo sobre a arte voar, pois o que lhe interessava era o voo por puro prazer e não por sobrevivência. Nesse trecho 1, nas três ocorrências do termo ‘voo’ podemos ver que apenas o seu significado originário é acionado. Diferente do que acontece no trecho 2, logo abaixo:

Trecho 2: Agora temos muito mais por que viver! Em vez da labuta diária de ir aos barcos e voltar, temos uma razão para viver! Podemos erguer-nos da ignorância, podemos tornar-nos criaturas de excelência e de inteligência e de habilidade. **Podemos ser livres! Podemos aprender a voar.**

Nesse trecho 2, podemos ver o sentido originário de voo, mas também podemos ver a sua correspondência com liberdade. É nesse ponto que a metáfora do voo como liberdade começa a ser construída. A partir das inferências realizadas durante a leitura é que podemos dizer que já nesse ponto, voar é tido como liberdade. É nesse ponto também, que percebemos a metáfora do voo como um caminho a ser percorrido, a ser trilhado, pois se é preciso aprender a ‘voar’ e se ‘voar’ faz correspondência com liberdade, também é preciso aprender a se libertar. Fernão aprende a se libertar através do voo e assim ele consegue ultrapassar as barreiras que lhe foram impostas se libertando do padrão e das amarras do bando que o prendia a partir das convenções. Libertar-se das convenções do bando foi o primeiro passo nessa trajetória para a liberdade de Fernão. Mas a metáfora do voo como liberdade continua e atinge o seu segundo estágio como podemos ver no trecho 3:

Trecho 3: **Aprendia cada vez mais.** Aprendeu que um eficiente mergulho a grande velocidade **lhe dava o peixe raro e saboroso** que vivia três metros abaixo da superfície do mar. Já não precisava de barcos de pesca nem de pão duro para viver. **Aprendeu a dormir no ar**, estabelecendo um percurso noturno pelo vento do largo, cobrindo cento e cinquenta quilômetros desde o ocaso até a aurora. Utilizando o mesmo controle interior, voou através

de nevoeiros cerrados e **subiu acima deles para céus estonteantes de claridade...** enquanto qualquer outra gaivota ficava em terra, conhecendo apenas neblina e chuva. **Aprendeu a dominar os altos ventos do continente e a jantar ali os delicados insetos.**

Nessa segunda fase, Fernão percebe as recompensas de se libertar que o voo lhe proporcionou. Podemos perceber também, a liberdade como um processo de aprendizagem, que para Fernão ocorre através do voo. Mas por mais que Fernão tivesse aprendido sobre o voo, e por mais que ele tivesse se libertado, Fernão descobre que ainda há amarras as quais ele precisa se libertar para voar mais alto.

Trecho 4: Por fim, transformou diretamente essa velocidade numa longa rotação ascendente, lenta e vertical. Giraram com ele, sorrindo. Regressou ao vôo planado e esperou algum tempo, antes de falar.

— Muito bem. Quem são vocês?

— Nós somos do seu bando, Fernão. Somos suas irmãs. — As palavras eram fortes e calmas.

— **Vimos para levar você para mais alto, para levá-lo para casa.**

— Eu não tenho casa. Nem tenho bando. Fui banido. E estamos agora sobrevoando o pico da Grande Montanha do Vento. Já não posso **elevantar** este velho corpo além dumas centenas de metros.

— **Você pode, sim, Fernão. Porque aprendeu.** Acabou-se uma escola e chegou a hora de começar outra. **O entendimento raiou nesse momento para Fernão Gaivota**, tal como o iluminara sempre em toda a sua vida. Tinham razão. **Ele PODIA voar mais alto** e ERA tempo de ir para casa.

Nesse trecho, podemos ver as metáforas espaciais que se constroem. Liberdade é encarada como algo que se eleva, como voar mais alto. E voar mais alto direto para a liberdade é possível porque Fernão aprendeu e continuou aprendendo mais e mais sobre o voo como ação de voar e sobre o voo como ação de liberdade, e agora como ação de transcendência, pois agora ele chega ao paraíso.

Trecho 5: "Então o paraíso é isto", pensou, e teve de sorrir de si próprio. Não era muito respeitoso analisar **o paraíso** precisamente quando se estava **voando para entrar nele**.

No trecho 7, a metáfora do voo como liberdade e agora também como transcendência continua. A metáfora aqui se constrói a partir da conceptualização de paraíso e inferno que temos, assim, a metáfora espacial se estabelece em que o inferno fica abaixo e o paraíso acima, por isso, para que Fernão atinja o paraíso, ele precisa elevar-se para o alto, e como ele faz isso? Através do voo. Dessa forma, a metáfora do voo atinge o seu ápice, pois além de liberdade, o

voo é o meio para se atingir a mais alta compensação, o paraíso. Bom, pelo menos essa é a ideia, mas não para Fernão, que no paraíso descobre que sua jornada está apenas começando.

Trecho 6: Nos dias que se seguiram, Fernão verificou que  **neste lugar havia tanto para aprender acerca do vôo como houvera na vida que deixara para trás**. Mas com uma diferença. Aqui havia gaivotas que pensavam como ele. Para cada uma delas **o mais importante na vida era olhar em frente e alcançar a perfeição naquilo que mais gostavam de fazer: voar**. Todas elas eram aves magníficas e **passavam hora após hora praticando vôo, fazendo experimentos de aeronáutica avançada**. Durante muito tempo Fernão esqueceu-se do mundo de onde viera, daquele lugar onde o bando vivia **com os olhos completamente cerrados à felicidade de voar**, usando as asas apenas como um meio de encontrar alimento e lutar por ele. Mas, uma vez ou outra, só por um momento, lembrava-se.

A liberdade que Fernão precisa atingir agora é a liberdade do voo perfeito. E o voo perfeito só pode ser atingido por muito treino e prática. A metáfora do voo e, conseqüentemente, da liberdade como aprendizado continua. Mas desta vez, o voo perfeito ou a liberdade perfeita será atingida pelo autoconhecimento e pelo perdão, a última barreira que Fernão precisa transpor para atingir o voo perfeito, ou seja, a liberdade perfeita. E é a partir daí que Fernão compreende que o voo perfeito só pode ser atingido através do amor.

Trecho 7: Ficou na areia, pensando se haveria alguma gaivota lá atrás lutando por quebrar os seus limites, **compreendendo o que realmente significava voar: não um simples meio de locomoção para arrancar uma migalha de pão a um barco a remos**. Talvez até houvesse uma que tivesse sido banida por **lançar a verdade** à cara do bando. E quanto mais Fernão treinava os seus exercícios de bondade, quanto mais trabalhava para compreender a natureza do amor, mais desejava regressar à terra. Porque, apesar do seu passado solitário, Fernão Gaivota nascera para ser instrutor, e **a sua maneira de demonstrar o amor era dar um pouco da verdade que ele próprio descobrira a uma gaivota que apenas pedisse uma oportunidade para vislumbrar essa verdade**.

Nesse trecho o sentido originário de ‘voo’ retorna somente para dizer que voar não é se locomover no ar em busca de alimento, pois o verdadeiro significado de ‘voo’ é se libertar através do conhecimento, porque é ele que liberta, assim quando Fernão aprende a voar ele se liberta e vai em busca do seu próprio caminho, um caminho que deve levar à liberdade perfeita que nada mais é do que o amor. Amor que leva a compreensão e ao perdão. E, dessa forma, Fernão retorna ao bando que o expulsou e lhes oferece a liberdade através do ensino das técnicas do voo. Agora ele não era mais o aprendiz e sim o instrutor como podemos ver no trecho 8.

Trecho 8: — Francisco Coutinho Gaivota, **você quer voar?**  
— **SIM, EU QUERO VOAR?**

— Francisco Coutinho Gaivota, **você quer voar tanto que perdoará o bando, e aprenderá, e voltará um dia para ajudá-los a saber?**

Era impossível mentir àquele magnífico e hábil ser, por muito que um pássaro como Francisco Gaivota se sentisse cheio de orgulho e de mágoa.

— Quero — disse suavemente.

— Então, Chico — disse-lhe a brilhante criatura, com uma voz muito calma —, vamos começar com **o vôo planado...**

No trecho 9, podemos ver o fundamento metafórico no qual o livro se constrói, de que todos têm o direito de voar, de que todos têm o direito de ser livres, pois a natureza de todos é a própria liberdade. E essa é a única verdade que deve ser buscada.

Trecho 9: Falou de coisas muito simples — que **as gaivotas têm o direito de voar, que a liberdade é própria da sua natureza**, que todo aquele que se oponha a essa liberdade deve ser posto de parte, quer a oposição seja motivada por ritual, superstição ou limitação sob qualquer forma. — Pôr de parte? — gritou uma voz entre a multidão. — Mesmo se for a lei do bando? — **Só a lei que conduz à liberdade é verdadeira** — disse Fernão. — Não há outra. — Como você pode esperar que voemos como você? — interrompeu outra voz. — Você é especial, dotado e divino, muito acima dos outros pássaros. — Olhem para Francisco! Teseu! Rolando! São também especiais, dotados e divinos? Não mais do que vocês, não mais do que eu. A única diferença, a única, de fato, é que eles começaram a compreender o que são realmente e decidiram pôr em prática esse conhecimento.

A ideia de liberdade como voo permeia todo o livro como podemos verificar nos trechos anteriores. Mas como ocorre a metáfora em questão de que liberdade é voar?

Como apontam Lima, Gibbs Jr e Françaço (2001, p.108) as metáforas são

operações cognitivas, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta.

Vejamos como essa correspondência se constrói a partir da segunda tabela em que podemos ver as relações entre os dois domínios.

Metáfora conceptual: LIBERDADE É VOAR	
Domínio fonte: voar	Domínio alvo: liberdade
Domínio concreto	Domínio abstrato
É aquele a partir do qual conceptualiza-se algo metafóricamente	É aquele que se deseja conceptualizar
Elevação: Qualidade a ser transferida	Elevação: qualidade a ser recebida

Então: se voar é elevar-se	Então: se liberdade é elevar-se
Logo: LIBERDADE É VOAR	

Ou seja, a construção da metáfora ‘liberdade é voar’ se torna possível, pois compreendemos a ideia de liberdade, um conceito abstrato, em termos de um domínio concreto, o conceito de voar. A relação entre os dois conceitos ocorre devido à forma como conceptualizamos o mundo a partir de nossas próprias experiências. Como liberdade seria um conceito impossível de se definir por ele mesmo temos a necessidade de recorrer a algo no mundo que seja concreto para que ele possa ser compreendido. Pois como afirmam Lakoff e Johnson (1980), as metáforas “expressam as maneiras de se compreender experiências, dão origem às nossas vidas... [e] são necessárias para dar sentido ao que acontece em torno de nós” (p.185-186).

Para finalizar uma última mensagem do livro que vem para reafirmar toda a metáfora construída ao longo do texto:

- |  |
|--|
| — Você quer dizer que eu posso voar?<br>— Eu quero dizer que você é livre. |
|--|

A construção da metáfora no livro tornou-se possível, pois a metáfora do voo é frequente em nossa sociedade, tanto que o seu novo significado convencionalizou-se formalmente nos dicionários. Mas para provar que essa metáfora faz parte do cotidiano, como retratam Lakoff e Johnson (1980), segue-se o slogan das campanhas publicitárias da *Red Bull* em que podemos ver a construção da metáfora a partir do uso do termo ‘asas’ que está diretamente ligado ao termo ‘voo’.



**Imagem I – Campanha publicitária da Red Bull<sup>7</sup>.**

A *Red Bull* é uma empresa que vende bebidas energéticas e utilizou em suas campanhas publicitárias dos anos de 1990 a 2014 o slogan que se apresenta na imagem acima: “*Red Bull* te dá asas”. Esse slogan esteve presente em outdoors, em propagandas televisivas, revistas, e internet, fazendo parte do cotidiano de milhões de pessoas pelo mundo inteiro por mais de duas décadas.

O uso efetivo de slogan para vender bebidas se tornou um sucesso por meio da metáfora estabelecida implicitamente com voo. Esse sucesso mostra que a metáfora construída entre a bebida e as asas é eficiente, porque todos a compreende. Essa compreensão ocorre, pois antes mesmo do slogan ser lançado, a metáfora já era utilizada de forma natural e inconsciente pela maioria da população.

Essa metáfora pode ser associada com a metáfora do voo do livro de Bach, pois ambas utilizam a mesma ideia espacial de elevar-se. O uso do nome ‘*Red Bull*’ trata-se de uma metonímia em que se utiliza o nome da marca pelo produto. Assim, podemos dizer que a ingestão da bebida é que permite a pessoa que a beba criar asas e assim voar, ganhando as mesmas características de velocidade, energia, concentração dos seres e objetos que voam.

Esse criar asas remete a ação de voar, de elevar-se como foi dito. Assim, a intenção da empresa utilizando esse slogan é transferir características como velocidade, alto desempenho, reação, energia, concentração, entre outros para a bebida. Essa associação com asas é vigente

<sup>7</sup> Imagem retirada da internet: <<https://gooru.com.br/10-promessas-falsas-de-propagandas-que-custaram-milhoes-as-empresas/>>.

por dois motivos. Primeiro, essas características, supostamente adquiridas por quem bebe o energético, (velocidade, alto desempenho, reação, energia, concentração) são conceptualizadas como positivas, e as qualidades positivas geralmente são associadas com metáforas espaciais ‘para cima’, ou seja, de elevação, como vimos com a metáfora de ‘voo’ no livro. Segundo, as asas são elementos pertencentes a seres e objetos que possuem a capacidade de voar como pássaros e aviões que voam quando se elevam. Como seria difícil para a empresa criar um slogan eficiente e lucrativo utilizando-se somente dessas abstrações associadas à ação de voar sem fazer uso de nenhuma alegoria, a empresa se apropria de uma parte concreta que torna possível a ação de voar para pássaros e aviões, as asas. Assim, a bebida é compreendida em termos das propriedades de voar, ação possível por aqueles que têm asas.

O próprio termo ‘asa’ também se constitui como uma metáfora que poucos percebem quando empregadas para se referir às asas do avião. O avião em si se constitui como uma metáfora em seu formato que é associado ao de pássaros. Mas retornando ao slogan da empresa, vejamos no quadro como essa metáfora se constrói:

Metáfora conceptual: RED BULL TE DÁ ASAS	
Domínio fonte	Domínio alvo
Asas	<i>Red Bull</i> (bebida)
É aquele a partir do qual conceptualiza-se algo metaforicamente	É aquele que se deseja conceptualizar
Elevação, alto desempenho, velocidade: Qualidades a serem transferidas	Elevação, alto desempenho, velocidade: qualidades a serem recebidas
Então: se ter asas é elevar-se	Então: se ingerir a bebida é elevar-se
Logo: Tomar a bebida é voar	

Dessa forma, podemos perceber como a metáfora do ‘voo’ está presente em nosso dia a dia, sendo que o seu uso na literatura se torna possível, pois de alguma forma ela esteve presente primeiro no cotidiano das pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das metáforas conceptuais a partir do livro *Fernão Capelo Gaiivota* de Richard Bach e no slogan da campanha publicitária nos permite uma visão panorâmica de como a metáfora do ‘voo’ se constrói. A partir da análise percebemos que uma metáfora se constrói

a partir de outras, e que as metáforas também possibilitam o surgimento de polissemias, como foi o caso da palavra ‘voar’ que passou a carregar mais de um significado. Sendo assim, podemos dizer que as metáforas na literatura, não são exclusivas da literatura, estando no dia a dia comum das pessoas e vice-versa.

A metáfora mais recorrente no livro é a de liberdade como ‘voo’, contudo as metáforas realizadas com voo ultrapassam a ideia de liberdade. O ‘voo’ é colocado como transcendência, como meio para o autoconhecimento, assim, ele é visto como aprendizagem. O ‘voo’, com a acepção de aprendizagem é visto em seus dois significados, como ação de voar e como ação de libertação. Dessa forma, infere-se que da mesma forma que para voar é necessário ensinamento e treino, para se alcançar a liberdade também é preciso aprendizado e treino.

Dessa maneira, se constrói a ideia de que liberdade é treinar assim como voar, e que voar é aprendizado que leva a liberdade. A partir das associações metafóricas podemos concluir que no *corpus analisado*, voar é viver, mas um viver que busca a perfeição que só pode ser atingida através da busca constante pela liberdade. A metáfora do ‘voo’ presente no slogan da *Red Bull* também mostra essa relação metafórica com o termo ‘voo’, mas utilizando-se não da ação, mas de um elemento que permite a ação acontecer, no caso as asas.

Estudar as relações metafóricas conceptuais na literatura e em campanhas publicitárias é uma forma de se começar a pensar como o ensino de metáforas pode ser realizado em sala de aula em que o foco não recaia exclusivamente na literatura, mas também em textos não literários, em textos do cotidiano (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. Integração conceptual na descrição de fenômenos gramaticais do português. *Alfa, rev. linguíst.* (São José Rio Preto), São Paulo, v. 57, n. 1, p. 229-256, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-57942013000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942013000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 ago. 2019.

ARAÚJO, João Daniel Câmara de. **O processo cognitivo-discursivo de construção de sentido em narrativas:** uma abordagem baseada em frames em O pequeno príncipe. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2017.

ARISTÓTELES. **Poética.** Tradução de: BINI, Edson. São Paulo: Edipro, 2001.

BARRETO, Krícia Helena. O Humor e a Semântica de Frames. **Revista Gatilho**, v. 16, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/issue/view/1240>> Acesso em: 20 ago. 2019.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 405-421.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 42. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2000, p. 543-544.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1957.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <<http://lings.ln.man.ac.uk/Info/staff/WAC/WACpubs.html>>. Acesso em: ago. 2019.

CUENCA, María Josep; HILFERTY Joseph. **Introducción a la lingüística Cognitiva**. Barcelona: Editorial Ariel, S. A ,1999 y 2007.

D'ONOFRIO, Salvatore. Concepção retórica e concepção semântica da metáfora. **Alfa, rev. lingüíst.** (São José Rio Preto), São Paulo, v. 24, p. 149-156, 1980.

DERING, Renato de Oliveira. **A cultura de massa em diálogo com questões de teorias literárias**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). Univesidade Federal de Viçosa, MG. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/4860/1/texto%20completo.pdf> Acesso: 10 fev. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução aos estudos lingüísticos: fundamentos epistemológicos**, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2002.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 108-113.

KLEIBER, Georges. **La Semántica de los Prototipos: Categoría y sentido léxico**. Madrid: Visor, 1995.

LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind.** Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by,** The University of Chicago, Chicago, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought.** New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: A field guide to poetic metaphor.** Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LENZ, Paula. Semântica cognitiva. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO Renato (Orgs). **Semântica, semânticas: uma introdução.** São Paulo: Contexto, 2013, p. 31-55.

LIMA, Paula.L.C.; GIBBS JR., Raymond & FRANÇOZO, Edson. Emergência e natureza da metáfora primária. **Cadernos de Estudos Lingüísticos.** Campinas, SP, (40), pp. 107 – 140, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Tratado de metodologia científica.* São Paulo: Pioneira, 1997.

PARREIRA, M. S. A importância do pensamento de Saussure e da teoria de Chomsky para a Linguística Moderna. **Domínios de Lingu@,** v. 11, n. 3, p. 1024-1044, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/36978/20931/>> Acesso em: 27 ago. 2019.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora.* São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SOUZA, Amanda Maria Bicudo de. **Metáforas conceptuais em propagandas de revistas femininas.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté. Taubaté (SP), 2010.

VOO. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis, 30 mar. 2019. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=voo>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

*Recebido: 07 de abril de 2023.*

*Aceito: 22 de abril de 2023*